


DO ‘CABRA DA PESTE’ ÀS MASCULINIDADES POSSÍVEIS: REPERTÓRIOS CULTURAIS DE JOVENS ESTUDANTES DO AGRESTE PERNAMBUCANO

FROM ‘CABRA DA PESTE’ TO POSSIBLE MASCULINITIES: CULTURAL REPERTOIRES OF YOUNG STUDENTS FROM THE AGRESTE REGION OF PERNAMBUCO

DE LA CABRA DA PESTE A LAS POSIBLES MASCULINIDADES: REPERTORIOS CULTURALES DE JÓVENES ESTUDIANTES DE LA REGIÓN AGRESTE DE PERNAMBUCO

 <https://doi.org/10.56238/arev7n6-315>

Data de submissão: 27/05/2025

Data de publicação: 27/06/2025

Jorge Edielson Costa Gueiros

Mestrando do Programa em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental - PPGSDS/UPE

Universidade de Pernambuco - UPE

E-mail: jorge.ecosta@upe.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6879497698300729>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2680-0773>

Jullyane Chagas Barboza Brasilino

Professora Doutora do Programa em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental -

PPGSDS/UPE

Universidade de Pernambuco - UPE

E-mail: jullyane.brasilino@upe.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0927222377331886>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1785-1031>

RESUMO

O presente artigo discute os modos de (co)construção das masculinidades entre jovens do agreste pernambucano. As reflexões apresentadas são um recorte de uma pesquisa maior, aqui o objetivo foi identificar e compreender as quais (re)produções e negociações de repertórios culturais acerca das masculinidades no contexto escolares (co)produzidos por jovens do ensino médio, identificando tanto a permanência quanto as tensões em relação ao modelo normativo do homem viril, resistente em demonstrar-se emocionalmente. Fundamentado no Construcionismo Social e nas práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano, o estudo adotou uma abordagem qualitativa, com realização de duas rodas de conversa em uma escola pública estadual, complementadas por observações no cotidiano e registros em diários de pesquisa. Tomando como foco a categoria analítica “Cabra da peste” e suas subcategorias: Cabresto cultural, Pé de manga de preconceitos e Rede de arrasto familiar. Os resultados apontam que os jovens, embora majoritariamente mobilizem discursos hegemônicos de masculinidade, também expressam desconfortos, silenciamentos e resistências frente às expectativas impostas. A escola surge como espaço ambíguo: ora reforça os estereótipos de gênero, ora permite a emergência de narrativas alternativas. O estudo contribui para o debate sobre juventudes, gênero e subjetividade, ao evidenciar que os modelos tradicionais de ser homem seguem como cabrestos simbólicos, mas também vêm sendo tensionados a partir das experiências e práticas discursivas cotidianas dos próprios jovens estudantes.

Palavras-chave: Masculinidades. Educação. Psicologia Social. Adolescente. Pesquisa Interdisciplinar.

ABSTRACT

This article discusses the ways in which masculinities are (co)constructed among young people from the Pernambuco countryside. The reflections presented are an excerpt from a larger study. The objective here was to identify and understand the (re)productions and negotiations of cultural repertoires about masculinities in the school context (co)produced by high school youth, identifying both the permanence and the tensions in relation to the normative model of the virile man, resistant to showing himself emotionally. Based on Social Constructionism and on discursive practices and the production of meanings in everyday life, the study adopted a qualitative approach, with two conversation circles held in a state public school, complemented by observations in daily life and records in research diaries. Focusing on the analytical category "Cabra da peste" and its subcategories: Cultural halter, Mango tree of prejudices and Family dragnet. The results indicate that young people, although they mostly mobilize hegemonic discourses of masculinity, also express discomfort, silence and resistance in the face of imposed expectations. School appears as an ambiguous space: sometimes it reinforces gender stereotypes, sometimes it allows the emergence of alternative narratives. The study contributes to the debate on youth, gender and subjectivity, by showing that traditional models of being a man continue to act as symbolic restraints, but are also being strained based on the experiences and daily discursive practices of young students themselves.

Keywords: Masculinities. Education. Social Psychology. Adolescent. Interdisciplinary Research.

RESUMEN

Este artículo analiza las formas en que se (co)construyen las masculinidades entre los jóvenes del interior de Pernambuco. Las reflexiones presentadas son un extracto de un estudio más amplio. El objetivo fue identificar y comprender las (re)producciones y negociaciones de repertorios culturales sobre masculinidades en el contexto escolar (co)producidos por jóvenes de secundaria, identificando tanto la permanencia como las tensiones en relación con el modelo normativo del hombre viril, resistente a mostrarse emocionalmente. Con base en el construccionismo social y en las prácticas discursivas y la producción de significados en la vida cotidiana, el estudio adoptó un enfoque cualitativo, con dos círculos de conversación realizados en una escuela pública estatal, complementados con observaciones de la vida cotidiana y registros en diarios de investigación. Centrándose en la categoría analítica "Cabra da peste" y sus subcategorías: Cepo cultural, Mango de prejuicios y Red de arrastre familiar. Los resultados indican que los jóvenes, si bien mayoritariamente movilizan discursos hegemónicos de masculinidad, también expresan incomodidad, silencio y resistencia ante las expectativas impuestas. La escuela se presenta como un espacio ambiguo: a veces refuerza estereotipos de género, a veces permite el surgimiento de narrativas alternativas. El estudio contribuye al debate sobre juventud, género y subjetividad, al mostrar que los modelos tradicionales de ser hombre siguen actuando como restricciones simbólicas, pero también se ven afectados por las experiencias y prácticas discursivas cotidianas de los propios jóvenes estudiantes.

Palabras clave: Masculinidades. Educación. Psicología Social. Adolescentes. Investigación Interdisciplinaria.

Órgãos de Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Universidade de Pernambuco - UPE.¹

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da UPE, entidade do Governo do Estado de Pernambuco voltada para o fomento ao Ensino, Pesquisa e a Extensão Universitária

1 INTRODUÇÃO

A compreensão das masculinidades no mundo contemporâneo exige, antes de tudo, reconhecer o gênero como uma construção sociocultural que organiza relações de poder e experiências coletivas. Como demonstra Scott (1995), o gênero transcende as diferenças biológicas a partir de um sistema dinâmico que classifica papéis, define acessos e naturaliza desigualdades - ferramenta analítica fundamental para desconstruir noções essencialistas sobre masculino e feminino.

Foi justamente essa perspectiva que permitiu, a partir dos anos 1990, o surgimento dos estudos sobre masculinidades como campo autônomo, quando Connell (1995) e outros pesquisadores sistematizaram quatro eixos fundamentais de análise: (1) a reprodução social das masculinidades, (2) as percepções identitárias dos homens, (3) o papel das interações cotidianas e (4) sua relação com instituições (Lyra; Medrado, 2008). Essa abordagem relacional, articulada ao conceito de masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2013), não apenas ampliou o debate acadêmico, mas conectou-se às lutas feministas ao mostrar como os próprios homens são afetados pelas rígidas normas de gênero que ajudam a sustentar - paradoxo especialmente visível nas experiências dos jovens do agreste pernambucano, na qual tradições do homem viril e transformações sociais contemporâneas colocam em xeque modelos arraigados de "ser homem".

Assim, os estudos sobre as masculinidades apontam um campo tensionado entre normas hegemônicas e experiências plurais, tal dinâmica adquire contornos particulares no Nordeste brasileiro. Como demonstra Cardoso (2023), as masculinidades constituem elemento fundamental para os processos de subjetivação regional nordestina, materializada na figura do homem "forte e resistente" ao semiárido.

Essa representação - que homogeneiza o nordestino como o "cabra destemido" - não apenas naturaliza atributos de resiliência física e emocional, mas também atua como dispositivo de exclusão daqueles que não se adequam a esse ideal. No agreste pernambucano, onde a pesquisa foi realizada, essa noção se reinventa cotidianamente: jovens negociam entre a herança cultural do "cabra da peste" (que exige virilidade e austeridade) e novas possibilidades de expressão de gênero que emergem da urbanização, da escolarização e dos movimentos sociais contemporâneos.

Nesse contexto de tensões entre modelos tradicionais e novas possibilidades de masculinidades, a escola emerge como instituição estratégica não apenas por reunir jovens - fase essencial à sociabilidade desses -, mas por seu papel normativo e transformador. Como previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), a educação deve promover o "pleno desenvolvimento" dos jovens, preparando-os para a cidadania - o que inclui necessariamente problematizar os *scripts* e performances de gênero que limitam suas existências. Se, por um lado, a

escola pode (re)produz estereótipos arraigados (como a glorificação da virilidade em atividades esportivas ou a segregação de brincadeiras "de menino" e "de menina"), por outro, oferece ferramentas críticas para desnaturalizá-los. Foi nesse solo contraditório – no qual se entrelaçam a herança do "cabra da peste" (Cardoso, 2023) e os discursos sobre equidade de gênero - que esta pesquisa se realizou, tomando as interações cotidianas entre jovens estudantes como janela para compreender como as masculinidades são performadas, negociadas e, eventualmente, (res)significadas.

Aqui, adotamos as nomeações *jovens* e *adolescentes* como sinônimos e como categorias analíticas intercambiáveis (Calligaris, 2000; Nascimento, 2022), compreendendo-as como construções sociais dinâmicas que transcendem delimitações etárias. Essa perspectiva permite ampliar como as masculinidades são (re)significadas nas experiências cotidianas do agreste pernambucano, tensionando modelos hegemônicos como o 'cabra da peste' a partir das vozes dos próprios estudantes (Butler, 2015; Spink, 2010).

Este recorte de pesquisa parte da seguinte pergunta disparadora: "Que sentidos jovens do Agreste pernambucano atribuem às suas masculinidades ao tensionar o 'cabra da peste' com outras expressões de gênero?" Para respondê-la, buscamos mapear os sentidos (co)produzidos pelos jovens estudantes do agreste pernambucano a partir suas experiências cotidianas, influências culturais e normas sociais, com três objetivos específicos: (1) identificar os sentidos (co)produzidos pelos adolescentes sobre o que é "ser homem", (re)pensando tanto a permanência quanto a subversão do 'cabra da peste'; (2) analisar os efeitos desses modelos de masculinidades em seus relacionamentos e bem-estar emocional – especialmente quando divergem das normas locais; e (3) mapear as estratégias que esses jovens mobilizam para negociar expectativas de gênero na escola, família e comunidade.

2 DAS INCURSÕES NO COTIDIANO ÀS RODAS: TESSITURAS CONSTRUCIONISTAS SOBRE SER HOMEM JOVEM NO AGRESTE PERNAMBUCANO

A metodologia adotada foi de abordagem qualitativa, fundamentada no construcionismo social, para mapear os sentidos (co)produzidos pelos jovens estudantes do agreste pernambucano a partir suas experiências cotidianas, influências culturais e normas sociais em seu cotidiano escolar. Inspirada em Minayo (2002), a metodologia priorizou a análise das perspectivas, relações sociais e significados atribuídos pelos próprios estudantes, valorizando suas narrativas e experiências singulares em vez de dados quantificáveis.

O construcionismo social, como base teórico-metodológica (Spink; Medrado, 2013), orientou todo o processo – desde a observação *no* cotidiano escolar até a análise das práticas discursivas –, entendendo que os sentidos sobre gênero, mais especificamente, as masculinidades são co-construídos

nas interações e contextos específicos. Assim, mais do que descrever realidades fixas, buscamos identificar como esses jovens negociam, resistem ou (re)produzem normas de masculinidade, utilizando suas próprias vozes como eixo central da investigação.

Além disso, este estudo está vinculado à pesquisa guarda-chuva: '*Gênero, Diversidade Sexual e Saúde nas Escolas: diálogos possíveis*', a qual obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Pernambuco (UPE) sob o registro CAAE 73164323.0.0000.0128 e parecer nº 6.454.374.

A Escola de Referência em Ensino Médio - EREM, cenário principal desta pesquisa, possui uma história que remonta a 1960, mas na sua estrutura da época deste estudo (em 2023) aponta os desafios materiais típicos de muitas escolas públicas: oferece o Ensino Médio em 12 salas de aula (distribuídas desigualmente entre os anos), conta com espaços multifuncionais como um pátio-refeitório, e divide seus recursos entre atividades pedagógicas (biblioteca, laboratórios) e administrativas. Essa realidade física influenciou diretamente as dinâmicas observadas durante as rodas de conversa.

A etapa inicial da pesquisa consistiu em uma observação *no* cotidiano escolar, instrumento essencial para compreender a dinâmica espacial e relacional dos jovens estudantes. Durante visitas à escola, registramos os locais de circulação dos estudantes, horários de aula, intervalos e áreas de convivência - dados relevantes para contextualizar as rodas de conversa. Essa abordagem, alinhada à perspectiva de Batista, Bernardes e Menegon (2014), entende este instrumento não como mera coleta de informações, mas como processo ativo de construção de vínculos entre pesquisadores, espaço educativo e participantes.

A realização da pesquisa enfrentou obstáculos típicos do cotidiano escolar: a rotina intensa com avaliações externas (como o SAEB) e projetos pedagógicos concorrentes limitaram a disponibilidade dos estudantes em participar das rodas de conversa. Muitos demonstraram resistência inicial em discutir temas sobre masculinidades, especialmente em grupos mistos. Além disso, enquanto alguns pais e/ou responsáveis se recusaram a autorizar a participação dos estudantes por considerar o assunto "inadequado". Essas barreiras sinalizam como os tabus sobre gênero permeiam não apenas os discursos, mas também o acesso ao campo de pesquisa.

Apesar desses desafios, a observação atenta *no* cotidiano - metodologia defendida por Batista *et al.* (2014) - mostrou-se essencial para nos inserirmos na escola. Ao identificar os espaços e horários de maior interação dos adolescentes (como o pátio nos intervalos), conseguimos estabelecer diálogos mais espontâneos. Essa flexibilidade metodológica permitiu contornar parcialmente as limitações

institucionais, transformando os imprevistos em dados importantes sobre como a escola lida com as temáticas de gênero e alguns de seus desdobramentos.

Para contornar os obstáculos mencionados, adotamos estratégias flexíveis: (1) realizamos abordagens informais nos intervalos para estabelecer confiança; e (2) adaptamos o cronograma às atividades escolares. Apesar das dificuldades, a persistência rendeu *insights* valiosos: a própria resistência inicial dos alunos apontou os tabus sociais em torno das temáticas de gênero, sobretudo, da identidade de gênero, enquanto o engajamento gradual mostrou a importância de abordagens participativas para discutir gênero com adolescentes.

Por conseguinte, Peter Kevin Spink (2008), destaca as nuances do campo-tema, especialmente as dificuldades e potencialidades inerentes ao diálogo e ao compartilhamento de experiências em contextos cotidianos. Ele enfatiza que a abertura para a troca de ideias com os participantes — neste caso, estudantes do agreste pernambucano — é essencial para uma pesquisa colaborativa e reflexiva, enraizada na psicologia social.

No entanto, ele também aponta o desafio de legitimar métodos como observações cotidianas e rodas de conversa como práticas científicas rigorosas, especialmente em estudos qualitativos que lidam também com interpretações subjetivas, entre outras variáveis. A superação desse desafio exige um debate contínuo sobre a relevância e o rigor metodológico, reforçando a importância de abordagens que valorizem a construção coletiva de sentidos, sem perder de vista a credibilidade acadêmica (Spink, 2008).

Os registros nos diários de pesquisa assumem um papel metodológico e epistêmico central na condução da pesquisa qualitativa, especialmente em estudos fundamentados nas práticas discursivas e no Construcionismo Social. Para além do simples armazenamento de informações, os diários funcionam como espaços de elaboração contínua, no qual linguagem e ação se entrelaçam, como destacam Medrado, Spink e Mélo (2014). A escrita nesse suporte permite mapear nuances dos encontros, expressões, silêncios e deslocamentos produzidos durante a interação com os participantes, funcionando como dispositivo de escuta ampliada. É nesse registro vivo que se constroem pistas importantes para a análise, permitindo que o pesquisador acesse as diversas camadas das narrativas e reflita sobre o seu próprio posicionamento no campo de estudo, bem como durante as interações da pesquisa.

Além disso, os diários de campo oferecem um lugar de retorno e reinscrição do vivido, promovendo tanto o aprofundamento analítico quanto o cuidado ético com os participantes da pesquisa. O detalhamento reflexivo de cada etapa — incluindo impressões, tensões e afetos suscitados no processo — não apenas fortalece a transparência e a densidade da produção de dados, mas também

contribui para a construção de interpretações mais coerentes com o contexto e os sentidos emergentes nas falas dos participantes (Cardona; Cordeiro; Brasilino, 2014). Nesse sentido, o diário não é um apêndice da pesquisa, mas uma tecnologia de produção de conhecimento situada, sensível e comprometida com a complexidade do campo, sendo uma ferramenta potente para a promoção dos debates e reflexões aqui trazidas.

2.1 CUIDADOS ÉTICOS NA PESQUISA COM JOVENS: CONSENTIMENTO, ESCUTA E PROTEÇÃO

As rodas de conversa foram a estratégia metodológica para mapearmos os objetivos aqui já supracitados sobre as masculinidades e sexualidades vividas para os adolescentes do agreste pernambucano. Realizadas na escola pública estadual, foram realizadas duas rodas de conversa, uma configuração circular e horizontal, possibilitando que os participantes compartilhassem suas experiências, inquietações e repertórios de modo colaborativo e não hierárquico (Rasera, 2020). Esses encontros favoreceram um ambiente de escuta e respeito mútuo, e além disso, configuraram o *corpus* empírico que fundamentou a pesquisa maior desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O presente artigo nasce, portanto, de um recorte analítico dessa investigação inicial, centrando-se na categoria “Cabra da peste” e suas subcategorias, a fim de aprofundar a compreensão sobre os discursos normativos sobre masculinidades (re)produzidos nesse contexto.

Para garantir o rigor ético da pesquisa com pessoas menores de idade, foram utilizados o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O TALE foi apresentado e lido com os participantes menores de idade, informando-os de maneira clara sobre os objetivos, procedimentos e riscos do estudo, além de assegurar-lhes o direito à desistência a qualquer momento (Novoa, 2014). Já o TCLE foi assinado pelos responsáveis legais, informando sobre a participação voluntária dos seus filhos e garantindo sua compreensão e concordância com os termos da pesquisa. Essa dupla formalização do consentimento é amparada pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012), que estabelece diretrizes éticas fundamentais para estudos com seres humanos.

Além desses documentos, também foi solicitado um Termo de Uso de Mídias, assinado tanto pelos responsáveis quanto pelos próprios estudantes, autorizando a gravação em áudio e transcrição das falas durante as rodas de conversa. O cuidado com esses procedimentos éticos reforça o compromisso da pesquisa com a autonomia, a proteção e o engajamento dos participantes, contribuindo para a qualidade e confiabilidade dos dados produzidos. Ao assegurar um ambiente seguro e transparente, esses dispositivos permitiram que os jovens se sentissem mais à vontade para

participar ativamente do estudo, o que enriqueceu significativamente as análises e reflexões (co)construídas ao longo do processo investigativo.

2.2 ENTRE FALAS, COLAGENS E ESCUTAS: AS RODAS DE CONVERSA COMO CAMPO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS

As rodas de conversa foram organizadas como espaços coletivos de escuta, diálogo e construção compartilhada de sentidos sobre masculinidades, sexualidades e juventudes. Inspiradas no Construcionismo Social e a partir das contribuições de Rasera (2020), as rodas foram compreendidas como práticas que favorecem a horizontalidade, a diversidade de vozes e a construção colaborativa de saberes, considerando os efeitos da linguagem nas relações. Realizadas em dois encontros distintos, as rodas tinham estudantes dos quatro primeiros anos do Ensino Médio.

A condução dos encontros foi cuidadosamente planejada, incorporando técnicas grupais como o contrato de convivência, dinâmicas de apresentação (quebra-gelo), uso de material audiovisual — com destaque para o vídeo “Minha vida de João”, produzido pelo Instituto Papai em colaborações de várias instituições nacionais e internacionais — e atividades com colagens temáticas. Esses recursos foram mobilizados como disparadores para o diálogo e a reflexão crítica, promovendo o engajamento dos participantes e a criação de um ambiente acolhedor, no qual diferentes perspectivas pudessem ser expressas e acolhidas sem julgamento.

Durante os encontros, os adolescentes foram convidados a compartilhar livremente suas experiências, opiniões e afetos, em uma dinâmica que valorizava a escuta mútua, as perguntas abertas e as contribuições espontâneas. As/os facilitadores atuaram como mediadores do processo, assegurando que os acordos fossem respeitados, estimulando a participação e conduzindo o grupo com foco e sensibilidade. As falas foram registradas por meio de painéis visuais e anotações reflexivas, compondo um conjunto de dados ricos e atravessados pelas práticas discursivas que organizam a vida cotidiana dos participantes.

Para a análise das rodas, as transcrições das gravações foram sistematizadas a partir de quadros de associação de ideias, conforme orienta Spink (2013), o que permitiu mapear os repertórios linguísticos e os sentidos (co)construídos nas interações. Essa sistematização possibilitou uma leitura ampliada das narrativas, articulando linguagem, cultura e subjetividade. Dessa forma, as rodas de conversa se configuraram não apenas como instrumentos metodológicos, mas como potentes espaços de produção de conhecimento situado e implicado com os desafios ético-políticos do campo da saúde, educação e juventudes.

3 ENTRE SENTIDOS E PRÁTICAS: A (RE)PRODUÇÃO DAS MASCULINIDADES NO COTIDIANO ESCOLAR NO AGRESTE PERNAMBUCANO

As rodas de conversa permitiram mapear os sentidos (co)produzidos pelos jovens estudantes do agreste pernambucano a partir suas experiências cotidianas, influências culturais e normas sociais. Nessas narrativas, emergiram as tensões entre as normas sociais hegemônicas (como a virilidade compulsória e a heteronormatividade) e as experiências subjetivas desses jovens, a partir dessas expectativas, há efeitos também em seus modos de se relacionar e seu bem-estar emocional. A análise evidenciou, ainda, que tais repertórios linguísticos não são passivamente absorvidos, mas negociados e, por vezes, contestados no cotidiano escolar.

Segundo Medrado (1998), os repertórios interpretativos constituem instrumentos discursivos empregados pelas pessoas para atribuir significação à realidade e comunicar-se em distintos cenários. Trata-se de recursos expressivos que englobam vocábulos, imagens simbólicas e estruturas da linguagem, cuja finalidade é descrever acontecimentos da vida diária. Tais repertórios apresentam-se como fluidos e plurissignificativos, isto é, transformam-se a partir das condições histórico-sociais em que são gerados.

As performances de gênero são pontos centrais na (co)construção dialógica da roda de conversa, este elemento é um campo de negociação onde corpos e discursos se entrelaçavam. Assim, um dos pesquisadores que escreveu este estudo estava presente na roda, e se identifica como cisgênero, gay e professor - corpo que performava masculinidades dissidentes no espaço escolar, tais características operava como um contraponto material às normas discutidas, afetando e sendo afetado pela dinâmica do grupo. Também participaram das rodas, as pesquisadoras Maria Isabel (Belzinhão) e Geovanna Pinheiro.

Essa interação, tal como destacam Spink e Medrado (2013), constituiu-se como processo dialógico vivo, onde enunciados sobre 'ser homem' eram constantemente ressignificados - seja quando os jovens estudantes ridicularizavam gestos considerados 'afeminados', seja quando relatavam pressões para se adequarem ao ideal do 'cabra macho'. As performances, assim, não apenas mediavam a (co)construção de sentidos, mas também expunham as fissuras do próprio sistema de gênero que pretendiam sustentar.

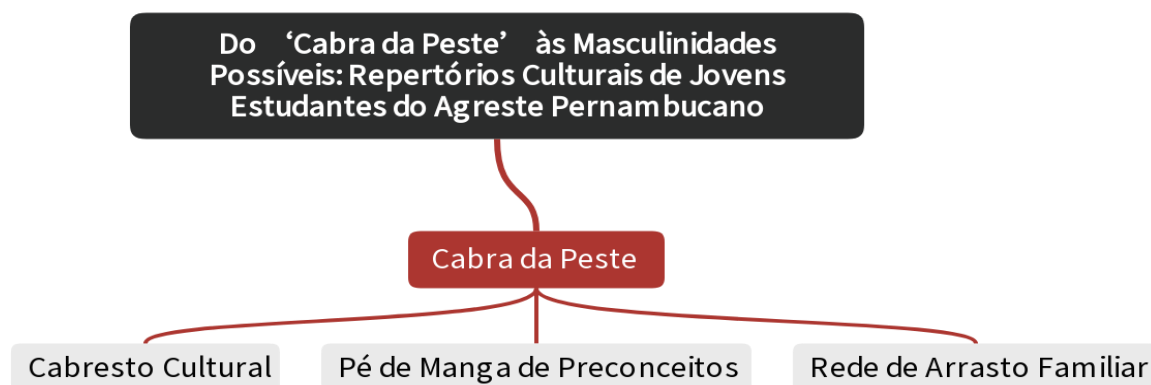
O presente texto foca especificamente na categoria analítica *Cabra da Peste* - construída a partir dos repertórios interpretativos identificados nas duas rodas de conversa com estudantes do ensino médio. Essa delimitação permite examinar com profundidade os discursos que os jovens negociam, (re)produzem e contestam os modelos hegemônicos de masculinidades em seu contexto sociocultural, mantendo o diálogo com a abordagem construcionista que fundamentou a pesquisa maior.

Para a análise das rodas de conversa nos amparamos no arcabouço teórico-metodológico das práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano (Spink; Medrado, 2013), fato este, que permitiu identificar padrões interpretativos que foram sistematizados em três eixos centrais, articulados em torno da categoria *Cabra da Peste* e suas subdivisões: *Cabresto Cultural*, *Pé de Manga de Preconceitos* e *Rede de Arrasto Familiar*. Cada uma dessas dimensões emerge como um conjunto de práticas discursivas (Spink; Medrado, 2013) que a partir da conversa pôde se observar como os adolescentes negociam, (re)produzem e contestam modelos de masculinidades em seu contexto sociocultural. As subcategorias, demonstram os mecanismos linguísticos e sociais dos quais esses jovens constroem significados sobre ser homem no agreste pernambucano, e sobretudo, no seu ambiente escolar.

A denominação das categorias analíticas origina-se de vivências pessoais significativas de um dos pesquisadores desta pesquisa. Durante sua formação infantil e adolescente, até os dezesseis anos, residiu numa comunidade rural, no agreste de Pernambuco, isto posto, sofreu diversas influências culturais nordestinas. Assim, a escolha terminológica para as categorias reflete essas experiências acerca dos padrões masculinos vigentes, constituindo-se também como a gênese do engajamento acadêmico no estudo das masculinidades e na problematização das expectativas de gênero, especialmente quando estas se mostram dissonantes das normas comunitárias estabelecidas.

Para preservar a confidencialidade, todos os nomes citados correspondem a pseudônimos escolhidos pelos próprios participantes. A Figura 1, ilustra a categoria e subcategorias analisadas.

FIGURA 1 – ESQUEMA DA CATEGORIA E SUBCATEGORIAS A PARTIR DAS RODAS DE CONVERSA



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Ancorado no construcionismo social como referencial teórico-metodológico, a organização do espaço para as rodas de conversa foi intencionalmente disposta em formato circular, visando

estabelecer relações horizontais de diálogo. Essa configuração propiciou um ambiente de escuta recíproca, onde cada adolescente podia simultaneamente compartilhar e acolher narrativas. Tal organização, coerente com os pressupostos construcionistas (Rasera, 2020), criou condições ideais para a (co)construção de significados - processo colaborativo de produção de conhecimento a partir da interação grupal. O espaço da biblioteca escolar, adaptado para acolher esses encontros, foi minuciosamente preparado para materializar esses princípios, desde o acolhimento inicial dos participantes até a documentação dos repertórios emergentes, conforme será explicitado adiante.

3.1 CABRA DA PESTE

**A ladainha é antiga
Antes do homem ser,
já tem de ser Homem.
Engole o choro!
Você é macho ou o quê?**
[*Uma metafísica masculina. Lúcia Scarlati, 2020*]

As masculinidades são um marcador que situa a posição dos homens frente às relações de gênero, e essa organização parte de uma naturalização social dessa ocupação de uma norma. Tal fator, acaba por determinar as condutas e emoções que os homens devem trilhar, como se fosse uma perfil adequado para se seguir (Connell; Pearse, 2015). Dessa forma, o **Cabra da Peste** no nordeste brasileiro, não distingue só sua identidade de gênero, mas sim, sua identidade regional, como um elemento de reconhecimento do território do qual esse homem veio (Cardoso, 2023).

Para o “dialeto” que circula no senso comum nordestino, o cabra da peste é um sujeito destemido, que é reconhecido pela sua coragem e ousadia de enfrentar as adversidades de forma intensa e enfática. Assim, essas características são fatores que devem ser vistos num homem nordestino para que esse seja visto como tal. Para Cardoso (2023), “A masculinidade é somente um componente da identidade regional do Nordeste, mas se faz essencial na formação da figura homogênea do nordestino” (p.35).

Por conseguinte, foi possível identificar a reprodução de discursos que mantêm essa lógica do cabra da peste como prática social, sendo vivenciadas nas vidas dos adolescentes. De acordo com estas informações, destaca-se nesta categoria as subcategorias: **Cabresto cultural; Pé de manga de preconceitos; e Rede de arrasto familiar**, aqui entendidas como parte da (co)produção de sentidos dos estudantes participantes sobre a temática.

3.1.1 Cabresto cultural

O cabresto é um objeto comum na pecuária, sendo feito de corda ou couro, que tem como serventia prender ou controlar o andar do animal o qual está amarrado a ele (Michaelis, 2024). Outro significado comum, que surge quando pesquisamos a palavra é o cabresto como algo que controla, reprime. Ao associarmos esta subcategoria à cultura, busca-se refletir sobre os efeitos das normas sociais na construção das subjetividades dos adolescentes-participantes das rodas de conversa. Partindo dessa premissa, é possível observar em algumas falas a predominância das amarras dessas normas, como vemos a seguir.

Na segunda roda de conversa, Geovanna (uma das pesquisadoras do projeto guarda-chuva) usou como disparador: Falar sobre um adjetivo/palavra que representa a sexualidade dos homens. A intenção é que este fosse uma fator para estimular as reflexões dos participantes, como vemos no trecho seguinte:

Geo: A pergunta é um adjetivo/uma palavra, qualquer coisa, que façam vocês pensarem quando vocês pensam na sexualidade dos homens, tá?

Jorge: Quando vocês pensam na sexualidade de nós, homens na sociedade pensem em uma palavra?

PH: força

Jorge: Pensem num adjetivo que representa...

PH: força

Jorge: força?

Japa: força eh e não ter o homem mais forte ou fraco, tem que ser forte.

PH: Fora da mentalidade como força física.

Jorge: força física? Em relação à sexualidade? Quem mais?

Preto: Nunca pensei disso não.

Jorge: Que bom, que a gente tá tendo a oportunidade de pensar sobre isso, né?

PH: Eu acho que loucura.

Jorge: loucura?!

Andy: mais controle emocional.

Geo: A sexualidade dos homens na sociedade

Preto: Basicamente uma palavra que define. (Roda de conversa, 2023)

Aqui, podemos observar o surgimento da força como elemento central nas falas PH e Japa, dando vazão para o que é esperado como cabra da peste - o homem que precisa representar a força, a virilidade, principalmente, no que concerne às suas práticas sexuais. Para Cardoso (2023), “essa ideia de estabelecer o nordestino como um homem que não é medroso, que é forte e resistente ao clima semiárido do sertão concebeu” (p.35), sendo idealizado assim, um modelo homem viril e ousado em todas as áreas da sua vida, dando ênfase à forma de como exerce sua sexualidade. Outros repertórios que corroboram com esta afirmação, são as seguintes:

Jorge: [...] Gente, essa pergunta para todo mundo: Uma sociedade dizer que para ser homem você precisa ser assim, assim e assim usar da força, por exemplo, muitas vezes usar a violência, ter uma sexualidade extremamente aflorada, como a gente sabe, por exemplo: ah

preciso ir para uma festa ficar com todo mundo, beijar todo mundo, mostrar que eu tenho uma sexualidade aflorada mesmo, do ponto de vista que que como os meninos trouxeram ter essa força perante a sociedade.

PH: Em ser forte, sim! Mas em outros, não. Como esse de sair ficando com todo mundo, isso tá eu acho que não é uma coisa certa, e sim, ter consciência e não ser babaca, porque só usam as pessoas, nesse sentido.

Preto: Basicamente, quem sai já sai na intenção de ficar com várias pessoas é naquela intenção de se achar o cara mais forte, essas coisas e também vai acabar só.

Jorge: E por que vocês acham que isso acontece?

Preto: porque conheço pessoas desse jeito.

PH: não tem motivo específico para que isso aconteça. É mais uma coisa que mais, é uma coisa biológica, só que é muito generalizado pela sociedade. Porque muitas vezes um pai chega e fala um filho que tem que ser assim, assim e assado: Você tem que sair, tem que ficar com menina, isso e isso, e não pode gostar dela, porque tem que ficar com outras, e só se casar quando tiver velho, e começar a gostar da menina quando tiver velho tiver mais... e não tiver mais o que fazer.

Preto: É, dizem que a gente só pode pensar em namoro quando a gente tiver mais velho mesmo. (Roda de conversa, 2023)

As práticas discursivas apresentadas vem para confirmar o conjunto de comportamentos que estão associados à maneira que se espera do que é ser homem. O participante PH ao trazer o exemplo, de um pai falar ao seu filho do que ele precisa fazer e de como se relacionar nos remete ao princípio do que é a virilidade. Segundo Valeska Zanello (2018), “Divertir-se conquistando, abandonando e partindo para novas empreitadas, de preferência em bando, eis uma forma de virilidade que se popularizou então. Não se trata de penetrar a maior quantidade de mulheres, mas de partilhar estas performances entre os amigos” (p.188).

A autora chama esse fenômeno de fraternidades masculinas, que é justamente o reconhecimento dessas ditas conquistas pelos seus pares. Tal fato, é visto de maneira clara no diálogo de PH e Preto quando ressaltam que os pais (homens) dizem que é só para se casar quando estiver mais velho, dando assim espaço para vivenciar as conquistas, elucidadas nas fala de Zanello. Historicamente, esses comportamentos ganharam espaços e foram se naturalizando no engendramento da sociedade.

Essa naturalização também pôde ser observada em diversas falas nas rodas de conversa. Ao serem estimulados na primeira roda a construírem um painel com as expectativas e realidade do que é ser homem, na hora da discussão sobre o que foi construído, o participante João, sinaliza uma dúvida a respeito de uma foto que tem um homem apontando um revólver, e a partir disso, começa o seguinte diálogo:

João: Eu queria entender essa do revólver.

*Arnaldo: porque a realidade é que o homem só quer andar com revólver
Todos riem*

Jorge: A gente fica pensando nessa coisa, por exemplo, da violência, né? Por que nós, por exemplo, nós usamos mais da violência do que as mulheres?

Baco: porque é instintivo!

Jorge: É instintivo?!

Augusto: É da natureza, né?

Henrique: É a natureza do homem, né? Ser mais agressivo que as mulheres. Tem uns que são meio tiôgo [referindo-se aos homens que não agem com violência] (Roda de conversa,, 2023)

Aqui, podemos identificar a naturalização da violência partindo do homem como fator que está engendrado do seu ser, como algo orgânico e espontâneo. De acordo com Zanello (2018), “os homens, por seu turno, também foram compreendidos a partir de certas qualidades agora tomadas como [naturais]. Elas seriam a ação enérgica, a atividade sexual, a coragem, a resistência física e moral, o controle de si [emoções e corpo]” (p.177). Assim, a naturalização acaba por ditar as relações de gênero, quais os papéis que homens e mulheres ocupam dentro de uma dada sociedade, e principalmente, quais são os seus limites.

Henrique: Eu acho que acho que todo mundo aqui, já deve ter visto pelo menos uma vez em casa, que tipo homem tem que trabalhar e a mulher fica em casa fazendo as coisas, pelo menos uma vez na vida.

Jorge: Buscapê, fala dessa questão de como é naturalizado, por que vocês acham que é natural isso acontecer? Do homem ir pra rua trabalhar e a mulher ficar em casa? ou não dividir as tarefas de casa?

Amón: eu acho que veio desde muito tempo já da história porque lá atrás, o mundo sabe que era os homens que saíam para trabalhar e sempre a mulher que ficava em casa cuidando dos filhos, cuidando da casa, comida. Então, acho que ainda tá como se fosse no passado ainda, não evoluiu.

Augusto: Acho o instinto primitivo mesmo, né? acho que um homem né? Acho que desde da época das cavernas que ele ia pra caça e a mulher ficava em casa, ajeitando a casa e ele ia ganhar o pão de cada dia.

Eric: É como se fosse um instinto natural já.

Augusto: Isso! (Roda de conversa,, 2023)

Ao trazer dados históricos para justificar os papéis de gênero, os participantes acabam por induzir o discurso por um determinismo biológico do porquê o homem ocupa essa posição nas dinâmicas sociais. E os discursos seguem dando aporte histórico para que tais comportamentos sejam reproduzidos:

Prado: eu acho , tipo assim, que desde o passado, por exemplo lá em Esparta a divisão é que os homens fossem crescidos para ser guerreiros e as mulheres para ficar em casa, cuidando das coisas.

Felipe: E, mesmo assim, durante toda a história a mulher sempre foi colocada, como eu posso dizer, aos pés dos homens sem muito direito de fazer nada, veio começar a ter mais direito agora, mas ainda eu vejo que não consegue balancear, não tem balanço nenhum. (Roda de conversa, 2023)

Dentre as justificativas, podemos observar que o participante Prado traz a divisão dos papéis de gênero de Esparta, uma das cidades-estado da Grécia, conhecida pela sua força militar e estratégias de guerra. Os valores ligados à virilidade para os gregos eram a bravura e dominação de guerra, e sobretudo, sexual, o que Prado não ressaltou, é que para um grego atingir quais atributos se fazia necessário manter relações sexuais, na posição de passivo [sendo penetrado], por um homem mais

velho. Essas práticas eram uma etapa necessária para todo e qualquer jovem para atingir sua adultez (Zanello, 2018).

Neste sentido, as falas trazidas na roda formam uma tessitura dos papéis de gênero a partir do biológico e o social. Dessa forma, as “nossas identidades variam segundo as posições que ocupamos nas relações sociais” (Cassiano; Furlan, 2013, p. 373). Fato este evidenciado nos seguintes trechos, após os participantes assistirem ao vídeo chamado: Minha Vida de João, produzido pelo Instituto Papai de Recife - ONG que defende a equidade de gênero e baseiam seus valores nas teorias feministas em parceria com diversas instituições. O vídeo em si traz basicamente, a vida de João desde da infância até a vida adulta, no qual são apresentados vários momentos em que João é moldado a partir de um lápis que escreve e apaga continuamente de acordo com os preceitos de uma dada sociedade hegemônica, mudando a narrativa de João no decorrer de sua vida.

Jorge: A gente vai assistir agora o vídeo, e eu gostaria que vocês prestassem atenção em todas as nuances que esse vídeo traz e a partir disso, a gente vai discutir, certo?

(REPRODUÇÃO DO VÍDEO: MINHA VIDA DE JOÃO)

Belzinhã: E aí, o que vocês acharam?

Jorge: Além dos cochilos? rrsrs

Amón: Assim, o filme, o filme não, o vídeo traz várias críticas. Tem uma que é, pô tipo assim tem várias, tem uma que eu queria lembrar em específico mas eu esqueci. Mas aí, por exemplo, tem aquela parte do que ele tá chorando que aí a borracha vai lá e só apaga e coloca, e já que ele não consegue controlar o choro dele, aí ela coloca pra chover, porque aí seria uma desculpa: Ele não tá chorando, só tá chovendo. Aí mais assim, de modo geral, é um algo bem bem estereotipado e tem aquela clássica frase né? O homem só que tá numa roda para falar de estilo, mulher, bebida e carro foi o que aconteceu lá antes do jogo, e assim, consequência.

Jorge: Alguém tem uma sugestão do que seria a caneta?

Henrique: A sociedade! Toda vez tem um limite ali. Que ele não pode chorar, que ele não pode fazer aquilo, que ele tem que brigar, que não pode correr, ele não pode demonstrar sentimento por nada. Aí aparece sobre a questão da sexualidade: ele caiu por cima de um de um menino, aí a sociedade que meio que impôs como se tivesse errado colocou ele em cima de uma mulher. (Roda de conversa, 2023)

No decorrer do vídeo, João ao se comportar “fora” da norma social, por exemplo, ao invés de brincar de carrinho, pegar uma boneca, havia um lápis que surgia, apagava a boneca e desenha um carrinho no lugar, essas situações foram recorrentes durante toda a reprodução. Ao serem questionados, o participante Henrique foi categórico ao sinalizar a existência da sociedade como esse mecanismo de controle dos corpos (Foucault, 2001). Tais associações criam efeitos, por vezes, negativos nas subjetividades do público masculino, principalmente. O que torna necessário abranger nossa discussão acerca dos preconceitos que esses discursos podem causar, fato este que será pauta da próxima subcategoria.

3.1.2 Pé de manga de preconceitos

A subcategoria em questão, surge de diversas afetações. A primeira delas diz respeito à infância de um dos autores desta pesquisa, por ter vivido na zona rural a sua infância inteira, na frente da sua casa havia muitas mangueiras, seu local preferido para as mais diversas brincadeiras. Outro fator importante, é que a mangueira faz parte da vegetação do nordeste. Segundo uma pesquisa de 2022 da UFRA, o estado de Pernambuco é responsável por 17% da produção de manga do Brasil, ficando atrás apenas da Bahia com 40%. Sendo assim, um pé de manga de preconceitos representa as práticas discursivas dessa temática. Assim, ao pensarmos na abundância da safra deste fruto como sinalizada acima, a presente subcategoria analítica foi nomeada desta maneira.

Na primeira roda de conversa, os participantes foram estimulados a se apresentarem e responder a seguinte pergunta: O que é que homem/menino/adolescente não pode fazer? A partir disso, algumas reflexões se apresentam:

Jorge: Então, gente! Neste momento, todo mundo colocou aí o seu nome, né? Eu gostaria que vocês se apresentassem, né? Todo mundo colocou seu nome, então de forma aleatória, não precisa necessariamente a gente seguir o círculo horário ou anti horário, mas que a gente possa dizer o nome e responder a pergunta que é: O que é que homem/menino/adolescente não pode fazer? Você apresenta seu nome, certo? Você apresenta seu nome, me chamo, por exemplo, Jorge e diz o que é que menino/homem não pode fazer?

Belzinhãn: Aí fala claro!

Jorge: Um de cada vez! rsrs

Henrique: O que um homem não pode usar/fazer?

Jorge: Fazer/Usar. O que ele não pode fazer perante sociedade?

Henrique: Usar maquiagem

Jorge: Como é teu nome?

Henrique: henrique

Jorge: Henrique - homem não pode usar maquiagem. Quem mais? (Roda de conversa, 2023)

Aqui, fica claro não só a separação dos papéis do masculino e do feminino, mas também, a distância que é tomada do que é diferente da norma, do que é considerado padrão social. O participante Amón, ao ouvir o colega Henrique relata sua perspectiva a respeito do homem usar maquiagem:

Belzinhãn: vocês já pensaram sobre isso que foi falado? O que que vocês acham do que foi falado aqui?

Amón: Bom, eu já pensei só que assim faz bastante tempo. É como se fossem, digamos assim, regras que você aprende para viver em sociedade que você aprende desde o começo, então assim, normalmente lá pra sua infância, você já vai meio que aprendendo isso. Aí algumas partes, tipo, que o homem não deve usar maquiagem é mais algo construído pela sociedade numa forma que, vamos dizer, assim num preconceitozinho. Mas tipo, você pode ou continuar com isso ou tirar isso. Mas normalmente, isso já vai aparecer logo na infância. (Roda de conversa, 2023)

Em seu discurso, Amón traz a importância das regras sociais para a constituição de cada um. Os processos de subjetivação, são conceituados como “[...] práticas e processos heterogêneos que

permitem aos seres humanos que se relacionam consigo mesmos e com os outros sujeitos” (Brasilino, 2011, p. 80). Esses são processos que permitem e limitam a proliferação de uma norma reproduzida no decorrer da sua historicidade. Dentre os discursos, apareceu em pauta um tensionamento as masculinidades não-hegemônicas, como o exemplo a seguir, as pessoas gays:

Jorge: Entendi, vocês acham que foi... É de agora que a gente tem pessoas gays? Por exemplo. PH: não.

Japa: não, desde do passado.

Preto: mas, é mas porque ele antes não tinha também a consequência de se assumir; por exemplo, tem um filme é amor... que dizia que ser gay, ser homossexual era crime. Por isso, as pessoas não se assumiam.

Jorge: Nós temos ainda alguns países que a ser gay é crime.

Geo: Por exemplo, o da Copa de 2022 (Catar).

Jorge: Recentemente, se vocês depois puderem dar um Google foi encontrado um campo de concentração lá na Xêxênia, onde eles concentravam só pessoas LGBTs, torturam até a morte, então assim, 2023 e ainda a gente tem que discutir sobre essas questões, né? Sobre um campo de concentração que a gente sabe que é uma herança maldita de uma segunda guerra mundial e ainda existe por as pessoas serem quem elas são, né? Então assim, e a vida do heterossexual perante sociedade é uma vida, é um lugar aceito,

Andy: Isso é a vida de uma pessoa LGBT, como por exemplo, inúmeros casos que aconteceram não só no Brasil, como em outros países, onde pessoas LGBT, simplesmente, não tem direito a quase nada, sempre lembrando que nós somos seres humanos igual qualquer outra pessoa. Nós exigimos respeito e direitos. (Roda de conversa, 2023)

Assim, são levantadas vários dados que confirmam as violências e preconceitos ainda existentes na sociedade no que diz respeito às pessoas que desviam do que a norma da virilidade pressupõe. Visto isso, as masculinidades consideradas desviantes (não-hegemônica, não-heterossexual) ficam fixadas áquém da dominação masculina “aceita” perante a sociedade, que é aquela que não se deixa penetrar. Segundo Zanello (2018), as masculinidades hegemônicas e heterossexuais demarcam o ideal viril que é ter o “cu fechado”, é se destacar por sempre ser o “penetrador”, e jamais, ser “penetrado”.

Ao serem questionados sobre o tema sexualidade fazendo associações com o vídeo assistido: “minha vida de João”. Felipe traz sua vivência quanto jovem gay:

Jorge: Como vocês veem no vídeo quando surge essa questão da sexualidade? Vocês conseguem fazer uma associação com a vida de vocês? Do que aquele lapisinho exige ou não? Ou não faz sentido para vocês?

Felipe.: Pra mim faz bastante, que basicamente esse negócio da sociedade e tudo mais, eu acabei sofrendo. No caso, quando antes de eu me assumir gay, basicamente chegou a um ponto de eu ver as pessoas ao meu redor e tudo mais, e eu não saber porque eu era diferente e tudo mais, e basicamente eu chorar e pedindo a Deus para tirar isso de mim. Eu ver que infelizmente, eu não não senti a mesma coisa, não é igual aos outros e a sociedade eu querendo segui-la, o que ela dizia, mas eu não fazia parte dela, não do jeito ela queria. (Roda de conversa, 2023)

Segundo Zanello (2018), as práticas homoeróticas dos gregos não podem ser consideradas homossexualidade, uma vez que este termo não existia na língua grega, e também, esses atos tinham um objetivo específico - o alcance à vida viril adulta. Para essa civilização, tratava-se de uma relação desigual de um dominado e um dominante, do penetrado e penetrante, fato este que pode ter influenciado no que ainda hoje é amplamente divulgado como ativo e passivo, sendo que a virilidade está ligada ao ativo/penetrante/dominador.

Ao fugir da norma, o homem a partir do século XVIII que tivesse características femininas era vítima de chacotas. Assim, “o [feminino], ou os aspectos relacionados às mulheres [consideradas assim pela cultura] sempre tiveram na história ocidental um valor secundário ou pejorativo” (Zanello, 2018, p. 185). Aqui, podemos relacionar o discurso de Felipe ao de Zanello, uma vez que não estava conseguindo responder aos comportamentos que a sociedade dita, Felipe se vê no lugar da exclusão, por de uma maneira ou outra, não se encontrar como dominador das suas próprias emoções/desejos.

Corroborando com isso, os repertórios sobre a homossexualidade surgem com frequência nas rodas, quando os estudantes se comportam de maneira mais espontânea e/ou mais próximo de um comportamento considerado feminino, como é o caso narrado por Prado:

Henrique: ele queria falar aqui.

Prado: É assim minha família ficou decepcionada porque meu primo se assumiu gay, que esperavam que ele fosse namorar com uma pessoa, fosse hétero, no caso. Uma vez, por exemplo, aqui (escola) ele (Felipe) pintou minha unha com lápis hidrocor, aí chegando em casa minha mãe reclamou...

Jorge: Como foi que tu se sentiu?

Henrique: Ela disse que ele estava ficando igual ao primo dele!

Todos riem.

Jorge: Como foi que você se sentiu com isso?

Anderson: Fiquei mal. (Roda de conversa, 2023)

A associação com a homossexualidade de Prado por pintar as unhas, estimulou risos entre os participantes, o que confirma a literatura sobre os preconceitos acerca do feminino. Exemplo disso, é a demonstração de sentimentos por parte dos homens, como mencionado nas falas seguintes, quando são questionados sobre o vídeo: minha vida de João, quando o personagem demonstra aos amigos que está apaixonado:

Jorge: Vocês perceberam esse momento? ele é como se fosse o emocionado do rolê né? Ele falou aos amigos do sentimento que tinha pela garota e os amigos começaram a tirar onda mesmo da demonstração de afeto dele, né?

Henrique: Até hoje é assim, se tu tiver numa roda de amigos - a minha roda de amigos da escola é assim: se tu falar não sei o que, - tô conhecendo tal pessoa, eles já falam: - Oxe, meu irmão é e fresco é? que negócio é esse de se apaixonar! Tu se apaixona depois tiver velho! Agora tem que passar o rodo em todo mundo mesmo, ir pra festa, maconha e tudo. (Roda de conversa, 2023)

A manifestação de afetos exposta na fala de Henrique, ressalta o que Zanello (2018) chama de algo desvirilizante. Ou seja, se um homem demonstrar sentimentos seria um sinal de fraqueza, “perder o controle, deixar-se levar por paixões, continuou a ser visto como coisa dos fracos, mulheres e crianças” (p.184). O mesmo se dá a dor e/ou sofrimento - o viril convém esconder a dor e enfrentá-la em completo silêncio.

Outro fator que surge são os cuidados com o corpo, que nos últimos anos os homens têm se preocupado mais com a aparência, e essas mudanças têm chamado a atenção das gerações anteriores, gerando por vezes, um choque geracional, um estranhamento por parte dos envolvidos, como é o exemplo da depilação, que os adolescentes trazem para a roda de conversa:

Jorge: Vocês acham que pintar uma unha diz sobre quem você deseja? Quem você se atrai? Vocês acham que isso tem alguma ligação? vocês acham que, por exemplo, a questão da depilação, né? Hoje é mais, hoje eu vejo mais comum em homens a questão da depilação. Vocês acham que isso tem alguma associação de quem vocês desejam? De quem vocês beijam?
Henrique: Isso é mais por higiene, porque é nojento.
Eric: Minha Vó mesmo já disse: “Tá raspando as pernas! Tá virando fresco?! Oxe rapaz, raspar as pernas perde a força viu?”
Jorge: E quem é que diz isso?
Eric: minha Vó
Henrique: São mais os avós.
Jorge: E vocês sabem de onde eles aprenderam isso?
Henrique: geralmente é a mulher que se depila
Amón: Mas até isso era proibido tempos atrás.
Jorge: Então, a gente vê que existe aí uma questão da construção de sociedade não é isso? Que antes, antigamente, isso não acontecia e hoje já acontece, existem coisas que já estão naturalizadas outras não mais né? Por exemplo, nesse momento a gente está conversando sobre determinados assuntos dentro de uma escola, que há muito menos tempo do que a gente imagina, a gente não poderia estar com essa roda aqui vocês estão cientes, né? A gente tinha uma lei municipal aqui que proibia que a gente falasse sobre qualquer tipo de assunto voltada a gênero nas escolas, né? (Roda de conversa, 2023).

Nos últimos trechos de falas, podemos observar que alguns desses repertórios são considerados preconceituosos, partem justamente de um lugar comum a maioria dos participantes - suas famílias. O que nos impulsiona para a discussão da próxima subcategoria, os efeitos que a família exerce sobre os processos de subjetivação dos jovens participantes.

3.1.3 Rede de arrasto familiar

A rede de arrasto é uma ferramenta imprescindível para os pescadores praianas. Trata-se uma tessitura de malha em formato de saco que é jogado a água é puxada numa velocidade que os animais aquáticos - peixes, crustáceos e afins ficam presos nesses tecidos (Engepesca, 2022). Metaforicamente, ao ficarem dentro desse emaranhado, os animais dão a ideia de estarem em grupo, em bando, em família. Dessa forma, dá-se o nome da subcategoria: Rede de arrasto familiar.

Por conseguinte, nos dois encontros com os estudantes as reflexões trouxeram de maneira assídua a participação da família em torno das temáticas. As práticas discursivas a partir desse importante grupo que forma as pessoas, também é responsável pela produção e reprodução de diversas normas sociais e culturais. Exemplo disso, é a fala do participante Buscapé, que explana os papéis de gênero delimitados dentro de uma família nuclear (pais héteros e filhos), vejamos a seguir:

Buscapé: Eu acho que não necessariamente é isso, tipo, as pessoas estão acostumadas acho que eu vejo, não acho, que eu vejo muito isso, que é tipo, vou dar um exemplo: você tem você, sei lá, dois irmãos, a mãe e o pai. Geralmente quem cuida das coisas domésticas é a mãe, ela tem tipo, que subsidiar fazer esse tipo de coisa, e ninguém questiona isso ou ninguém faz alguma coisa mais. Eu vejo que é muito comum, tipo realmente mais acontece, sendo que as coisas deveriam ser divididas entre todo mundo que mora, tipo: ah, porque eu sou homem, eu não devo fazer coisa, tipo, lavar prato ou passar pano na casa como se a sociedade estivesse nos impondo isso, tipo: ah, eu trabalho você fica em casa, limpando, fazendo as coisas que você deve, tipo, é seu dever fazer isso (Roda de conversa, 2023).

Como podemos observar, há uma delimitação hierárquica e inquestionável nas famílias. A partir da provocação de Buscapé, pode ser corroborada ao lembrarmos que “toda a esfera econômica é culturalmente definida como um universo dos homens [apesar da presença das mulheres ali], enquanto a vida doméstica é definida como um universo das mulheres [apesar da presença dos homens ali]” (Connell; Pearse, 2015, p. 165).

Visto isso, essas mesmas autoras chamam essa separação de “divisão sexual do trabalho”, no qual os homens ocupam o fazer remunerado com a produção e rentabilidade do mercado de trabalho, enquanto as mulheres executam os trabalhos de “casa”, sendo este não remunerado. Em uma das rodas, ao ser discutido o fato das normas sociais serem algo ensinado e/ou aprendido. Belzinhã, questiona os participantes se essas normas são ensinadas ou naturalizadas:

Belzinhã: Vocês acham que tipo isso que vocês foram falando né? Dando exemplos foi, é natural ou é naturalmente ensinado? Tipo é natural ou é ensinado? Eu acho que é um paralelo legal, né? Da gente pensar.

Pedro H.: ensinado, normalmente é ensinado. A gente cresce em uma família e a gente sempre se baseia ou no pai ou na mãe ou em quem está em volta da gente.

Eric: Ah sim, como já foi dito é a família tradicional que não aceita muita mudança, a evolução. Que nem minha avó mesmo, ela não aceita nem que, assim eu sou jovem, mas eu aos 14 anos já tenho que trabalhar, queria que fosse assim tipo: Ah, não sei o quê? você é homem, você tem que sair de casa com 18 a trabalho e se sustentar sozinho. Não tem aquela questão de estudo e tudo mais (Roda de conversa, 2023).

Aqui, podemos visualizar como funciona a dinâmica familiar de Eric, uma vez que sua avó acredita que o homem ao atingir a maioridade deve trabalhar e sustentar-se, e não pensar em continuar estudando. Isto posto, esses repertórios trazem à baila as posições das relações de gênero nas relações sociais e os efeitos que a preservação das normas conservadoras causam a partir da reprodução dentro

das famílias.

De acordo com Cassiano e Furlan (2013), “nossas identidades variam segundo as posições que ocupamos nas relações sociais” (p. 373). Esse argumento é ratificado, nos repertórios que surgiram após os adolescentes discutirem o vídeo: minha vida de João, mostrado a seguir:

Jorge: Alguém tem uma sugestão do que seria a caneta?

Henrique: A sociedade! Toda vez tem um limite ali. Que ele não pode chorar, que ele não pode fazer aquilo, que ele tem que brigar, que não pode correr, ele não pode demonstrar sentimento por nada. Aí aparece sobre a questão da sexualidade: ele caiu por cima de um de um menino, aí a sociedade que meio que impôs como se tivesse errado colocou ele em cima de uma mulher.

Augusto: Aquele negócio da bola também.

Henrique: Da boneca, dos carros desenhando. A sociedade fala que não pode brincar de boneca, tipo brincado é basicamente (tá tá tá - sinalizando a borracha da caneta apagando e desenhando um revólver na mão do menino), ele pegando no revólver

Eric: O vídeo, ele retratou um pouquinho, sei que em momento algum, ele mostrou, sei que ele é focado mais no homem, mais momento algum ele mostrou que a mulher podia sair de casa para trabalhar. Ela estava sempre sentava em casa, continuou com os deveres de casa, nada diferente, só ele trabalhando, só falar gente

Baco.: como falar sobre, a sociedade querendo moldar ele desde pequeno - a parte com a o pai e a mãe. O pai basicamente desocupado da vida e a mãe tendo que cuidar da casa, a cozinha e dele ao mesmo tempo (Roda de conversa, 2023).

É retomado aqui, os papéis que o homem ocupa nas dinâmicas familiares e como o meio em que ele está inserido é (co)produtor desses comportamentos. Judith Butler (2015), defende a ideia de que o gênero é um agrupamento de práticas que se repetem dentro de uma determinada sociedade que regula e normatiza no decorrer da história, que acaba, por assim dizer, criando uma naturalização do ser.

No entanto, tais ações acabam por criar uma rede de política de diferenças sexuais, poderes que exercem sobre os corpos e moldam o nosso comportamento. Paul Preciado (2019), afirma que ao querer sair desse binarismo (masculino e feminino) é escolher deixar se ser tratado no âmbito do humano, e passar a ser subalternizado, violentado e controlado. Ainda para o autor, o regime de diferença sexual - heterossexual, funciona como uma estrutura que restringe nossa visão de mundo, regula nossos sentimentos, o que sentimos.

Em consonância a isso, é possível observar que esse conjunto de atos trazem à tona muitas reverberações, como sinalizam os trechos a seguir:

Jorge: [...] Gente, essa pergunta para todo mundo: Uma sociedade dizer que para ser homem você precisa ser assim, assim e assim usar da força, por exemplo, muitas vezes usar a violência, ter uma sexualidade extremamente aflorada, como a gente sabe, por exemplo: ah preciso ir para uma festa ficar com todo mundo, beijar todo mundo, mostrar que eu tenho uma sexualidade aflorada mesmo, do ponto de vista que que como os meninos trouxeram ter essa força perante a sociedade.

PH: Em ser forte, sim! Mas em outros, não. Como esse de sair ficando com todo mundo, isso tá eu acho que não é uma coisa certa, e sim, ter consciência e não ser babaca, porque só usam as pessoas, nesse sentido.

Preto: Basicamente, quem sai já sai na intenção de ficar com várias pessoas é naquela intenção de se achar o cara mais forte, essas coisas e também vai acabar só.

Jorge: E por que vocês acham que isso acontece?

Preto: porque conheço pessoas desse jeito.

PH: não tem motivo específico para que isso aconteça. É mais uma coisa que mais, é uma coisa biológica, só que é muito generalizado pela sociedade. Porque muitas vezes um pai chega e fala um filho que tem que ser assim, assim e assado: Você tem que sair, tem que ficar com menina, isso e isso, e não pode gostar dela, porque tem que ficar com outras, e só se casar quando tiver velho, e começar a gostar da menina quando tiver velho tiver mais... e não tiver mais o que fazer.

Preto: É, dizem que a gente só pode pensar em namoro quando a gente tiver mais velho mesmo (Roda de conversa, 2023).

As práticas acima citadas, impulsionam aos homens um lugar de replicar para os seus filhos como se espera que seja um homem perante a sociedade. PH, ao trazer as orientações de um pai ao seu filho nos mostra o lugar de poder que esse homem viril, principalmente no que diz respeito às suas práticas sexuais, devem ser escolhas feitas pelo homem, de maneira que este seja dono de si mesmo, e portanto, tome suas próprias decisões (Butler, 2015).

Portanto, como pensar novas formas de pensar nas masculinidades, ditas contemporâneas? Como um pai pode demonstrar afetividade ao seu filho? Como os homens conseguiram superar o modelo hegemônico, no qual foram criados? De que forma os homens poderiam se permitir emocionar-se? expor sua dor? suas fraquezas? Segundo este mesmo autor, ao partirmos os padrões tradicionais do que é esperado de um homem é que ele “precisa sofrer em silêncio, vestido em sua masculinidade, sem poder pedir ajuda, impedido de experienciar seu drama, na ilusão de não demonstrar sua vulnerabilidade” (p.59).

Visto isso há uma repressão sobre demonstrar-se afetado por algo, por parte dos homens. A emoção acaba sendo um terreno desconhecido por parte dessas características masculinas, quem começa a pensar diferente, acabam procurando outras referências fora do seu ambiente familiar, para refletir sobre o seus processos de subjetivação do que é ser masculino.

5 DO ‘CABRA DA PESTE’ À PLURALIDADE DOS HOMENS: CONTRIBUIÇÕES PARA (RE)PENSAR AS MASCULINIDADES JUVENIS

Esta pesquisa permitiu mapear os sentidos (co)produzidos pelos jovens estudantes do agreste pernambucano a partir de suas experiências cotidianas, influências culturais e normas sociais, e como estes são frequentemente mobilizados na figura do “Cabra da peste”. A partir das rodas de conversa, emergiram discursos que reiteram a virilidade, a contenção emocional e a dureza como atributos esperados do que é ser homem, muitas vezes reforçados por práticas cotidianas na escola, na família e

na comunidade. Por meio da categoria analítica “Cabra da peste” e de suas subcategorias — Cabresto cultural, Pé de manga de preconceitos e Rede de arrasto familiar — possibilitou entender como esses repertórios linguísticos atuam como cabrestos simbólicos, que delimitam os modos de existir e de se expressar enquanto homem na região, silenciando afetos, restringindo vínculos e penalizando divergências.

Esses repertórios, como demonstrado nas falas dos jovens, não são neutros: (re)produzem efeitos concretos na subjetivação juvenil, influenciam suas relações interpessoais, modos de autocuidado e acesso à saúde emocional. Ao mesmo tempo em que muitos dos jovens reproduzem os ideais do homem forte, protetor e invulnerável, também emergem resistências, deslocamentos e inquietações que apontam para outras formas possíveis de ser homem. Esse movimento aponta que as masculinidades são vividas como campo de disputa, tensão e negociação, perpassado por fatores como escolarização, contexto comunitário, mídia e pertencimento territorial. A pesquisa indica, portanto, que os jovens não apenas são alvos de discursos normativos, mas também atuam como atores críticos e agentes de mudança em relação a esses mesmos discursos.

A realização das rodas de conversa, enquanto estratégia teórico-metodológica, manifesta-se como uma escolha ética, política e epistemológica coerente com os objetivos do estudo. Para além da coleta de dados, esses encontros configuraram-se como verdadeiros espaços de escuta, acolhimento e produção compartilhada de sentidos. As rodas atuam como dispositivos de cuidado e de deslocamento, ao permitirem que os jovens estudantes narrassem suas vivências sem a rigidez dos formatos tradicionais de pesquisa. A disposição circular, a mediação horizontal e o uso de recursos sensíveis — como vídeos e colagens — foram fundamentais para criar um ambiente propício ao diálogo. Esse espaço favoreceu o engajamento dos participantes, não apenas como informantes, mas como (co)construtores do conhecimento produzido.

É importante destacar que as rodas de conversa também assumiram um papel de trocas de saberes, tanto para os participantes quanto para as/os pesquisadoras/as. Ao narrar e escutar, os participantes acessaram experiências de si e dos outros que muitas vezes permanecem silenciadas no cotidiano escolar. Para as/os pesquisadoras/as, o encontro com essas narrativas implicou não apenas escuta, mas afetação, deslocamento de certezas e ampliação do olhar sobre os modos de viver e resistir das juventudes do semiárido. Nesse sentido, as rodas foram, simultaneamente, método, campo de intervenção e território de transformação subjetiva. Ao valorizar as vozes dos adolescentes, a pesquisa contribui para romper com a lógica adultocêntrica que frequentemente silencia os saberes juvenis, legitimando-os como produtores de sentido sobre si e sobre o mundo.

Como contribuição mais ampla, esta investigação insere-se no campo interdisciplinar da psicologia social, da saúde coletiva e dos estudos de gênero, ao trazer para o debate acadêmico a vivência das masculinidades a partir de um recorte territorial específico — o agreste pernambucano — e de um grupo social frequentemente negligenciado: jovens do interior nordestino. A partir de uma abordagem sensível e situada, o estudo abre espaço para repensar os efeitos psíquicos, relacionais e sociais da rigidez dos papéis de gênero, o que evidencia como esses dispositivos impactam o bem-estar emocional, a formação de vínculos e o acesso a práticas de cuidado. Ao mesmo tempo, aponta para a escola como espaço ambivalente, capaz de tanto reproduzir quanto tensionar estereótipos de gênero, a depender da intencionalidade de suas práticas pedagógicas.

Dessa forma, ao problematizar a figura do “cabra da peste” e desfamiliarizar suas associações com força, dureza e dominação, a pesquisa contribui com a construção de outras possibilidades do que é esperado ser homem, mais plurais, afetivas e éticas. Mais do que uma denúncia das violências simbólicas de gênero, este estudo se propõe como um convite à construção de novas narrativas — no campo da educação, da saúde, das políticas públicas e das relações cotidianas. Com isso, reafirma-se a importância de projetos de pesquisa e extensão que se comprometam com a escuta das juventudes e com a promoção de masculinidades mais democráticas, cuidadoras e diversas.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Neiza; BERNARDES, Jefferson; MENEGON, Vera. Conversas no cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa. In: SPINK, Mary; BRIGAGÃO, Jacqueline; NASCIMENTO, Vanda; CORDEIRO, Mariana (Orgs.). A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas, p. 97-122, 2014.

BEIRAS, Adriano. A negociação de sentidos sobre masculinidades e paternidades em contextos populares de Florianópolis. 2007. (Tese de Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Santa Catarina, 2007.

BUTLER, Judith. Relatar a si mesmo. Autêntica, 2015.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 1.. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_integral_saude_home_m.pdf.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 13 jun. 2013, Seção 1, p. 59. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html

BRASIL. Ministério da Cultura. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Baião (dança). Tesouro do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. 2024. Disponível em: Acesso em: 21 mai. 2024.

BRASILINO, Jullyane. Relações conjugais violentas: Processos de subjetivação e suas várias dobras. In: SPINK, Mary Jane P.; FIGUEIREDO, Pedro; BRASILINO, Jullyane. Psicologia social e personalidade, cap.5, 2011. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/xg9wp/pdf/spink-9788579820571.pdf>

CALLIGARIS, Contardo. A Adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARDONA, Milagros; CORDEIRO, Rosineide; BRASILINO, Jullyane. Observação no cotidiano: um modo de fazer pesquisa em psicologia social. In: SPINK, Mary; BRIGAGÃO, Jacqueline; NASCIMENTO, Vanda; CORDEIRO, Mariana (Orgs.). A produção de informação na pesquisa social: Compartilhando ferramentas, p. 123-148, 2014. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8291868/mod_resource/content/1/Texto%20%20M ary%20Jane%20Spink.pdf

CARDOSO, Jamille. Produção de sentidos sobre masculinidades e saúde entre profissionais em saúde mental, no sertão de Pernambuco. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49736>

CASSIANO, Marcella; FURLAN, Reinaldo. O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise. *Psicologia & Sociedade*, v. 25, p. 373-378, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dgLDtXKSwqS85RSQsJpRrZP/abstract/?lang=pt>

CONNEL, Robert. Políticas de masculinidade. *Educação & realidade*, v. 2, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725/40671>

CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. *Educação & realidade*, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/download/71725/40671>

CONNELL, Raewyn.; MESSERSCHMIDT, James . Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p. 241, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?format=pdf&lang=pt>

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. Gênero, uma perspectiva global: Compreendendo o gênero – da esfera pessoal à política – no mundo contemporâneo. 3. ed. cap. 1-5. São Paulo: nVersos, 2015

ENGEPESSCA. Redes de arrasto: para que serve e como utilizar corretamente, Itajaí, 19 ago. 2022 Disponível em: <https://www.engepesca.com.br/post/redes-de-arrasto-para-que-serve-e-como-utilizar-corrretamente>. Acesso em: 15 mai. 2024.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, cap 1-4, 2001.

MEDRADO, Benedito. Das representações aos repertórios: uma abordagem construcionista. *Psicologia e Sociedade*, São Paulo, v. 10, n.1, p. 86-103, 1998.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, v. 16, n. 3, p. 809–840, set. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300005>

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary; MÉLLO, Ricardo. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK, Mary; BRIGAGÃO, Jacqueline; NASCIMENTO, Vanda; CORDEIRO, Mariana (Orgs.). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 274-294. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/19088>

MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues>

MINAYO, Maria; DESLANDES, Suely; GOMES, Romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes 2002.

MONTEIRO, Vanessa. O que tu sabes sobre a manga?. Universidade Federal Rural da Amazônia. 2022. Disponível em: https://novo.ufra.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3072&catid=17&Itemid=121. Acesso em: 20.05.2024

NASCIMENTO, Marcos. Essa história de ser homem: reflexões afetivo-políticas sobre masculinidades. In: CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paul. (Org.) De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

NOVOA, Patricia Correia Rodrigues. O que muda na Ética em Pesquisa no Brasil: resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Einstein (São Paulo), São Paulo, v. 12, n. 1, p. vii-vix, mar. 2014. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082014ED3077>

PAPAI, Instituto. Minha vida de João, 1 vídeo (23:06 min). 23 jul. 2017. Publicado pelo canal I Papai. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=43iadljzLLI>. Acesso em: 20 mar. 2024

PRECIADO, Paul. Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual (Maria Paula Gurgel Ribeiro, Trad.). São Paulo: Editora N-1, 2019..Edição original: 2004.

RASERA, Emerson. Construcionismo social e trabalho comunitário: conflito, diálogo e participação. Psicologia & Sociedade, v. 32, p. e219692, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32219692>. Acesso em: 03 mar. 2024

SCARLATI, Lúcia. A metafísica masculina, 2020. Disponível em: <https://faziapoesia.com.br/a-metaf%C3%ADsica-masculina-b80bf8d596cf>. Acesso em: 01 jun. 2024

SCOTT, Joan; LOURO, Guacira; SILVA, Tomaz Tadeu. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257862/000037108.pdf?sequ>. Acesso em: 01 mar. 2024

SPINK, Mary; MEDRADO, Benedito. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. Edição virtual, 2013.

SPINK, Mary. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. Edição virtual, cap.IV, p.42-71, 2013.

SPINK, Peter. O pesquisador conversador no cotidiano. Psicologia & Sociedade, v. 20, n. spe, p. 70-77, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000400010>.

ZANELLO, Valeska. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Editora Appris, parte I e III, 2018.